

A emergência do chaguismo*

Recebido para publicação em 17/8/1982

ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO

RESUMO. Neste ensaio analisa-se de que forma o grupo político liderado pelo então deputado federal Chagas Freitas conquistou, entre 1966 e 1970, a hegemonia política no MDB — seção Guanabara. Para tanto procurou-se resgatar a biografia política de seu líder, bem como compreender a conjuntura política em que se encontrava o país nos anos 60.

ABSTRACT. *The emergency of the Chaguismo.* In this essay we analyzed in which way the political group, headed by the former federal congressman Chagas Freitas, conquered the political leadership inside the MDB party — Guanabara section-between 1966 and 1970. For this, we tried to assemble the political biography of its leader and at the same time understand the political circumstances in which the country found itself during the '60s.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho representa o Resumo Sumário da Monografia, apresentada em dezembro de 1981, através do qual alcancei o grau de bacharel em história, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Alguns meses depois, o mesmo projeto conseguiu bolsa do CNPq, possibilitando o aprofundamento de hipóteses e questões anteriormente levantadas.

Em maio deste ano o trabalho foi apresentado na mesa de "Política e Sociedade no Estado do Rio", durante o "Seminário sobre aspectos sócio-econômicos do Estado do Rio de Janeiro", organizado pelo Departamento de Economia da Universidade Federal Fluminense.

No momento da realização da pesquisa, o tema proposto, apesar de pertinente, não havia sido estudado em todas as suas dimensões. Só tínhamos

conhecimento dos trabalhos de Eli Dinis e Isabel F. Picaluga¹.

Sendo assim o nosso trabalho — que contou com a orientação do Prof. José Nilo Tavares — pautou-se principalmente na coleta e observação de fontes primárias — dados eleitorais, entrevistas e jornais.

Algumas considerações procuraremos traçar; não temos a intenção de esgotar as questões. Esperamos apenas que este trabalho nos ajude a pensar em que condições se desenvolve grande parte da política no Estado do Rio de Janeiro.

1. Dinis, Eli. 1980. Máquinas políticas e oposição: O MDB no Rio de Janeiro. *Revista Dados*, RJ, nº 24. "Clientelismo e identificação partidária: voto urbano e democracia". Paper apresentado na mesa-redonda sobre Estado, Processos Decisórios e Redemocratização, na 32ª Reunião Anual da SBPC, em julho de 1980, Rio de Janeiro. "O MDB no Estado do Rio de Janeiro, principais confrontos e ciivagens". Apresentado no 3º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 17 a 19 de outubro 1979. Picaluga, Isabel F. 1980. "Notas preliminares para o estudo do chaguismo". *Revista Contraponto*, RJ.

INTRODUÇÃO

A "emergência do chaguismo" está historicamente relacionada, a nosso ver com o processo de conquista de hegemonia política do grupo liderado pelo então deputado federal Chagas Freitas, no MDB da Guanabara, entre 1966 e 1970.

Este processo será observado por nós levando-se em consideração, por um lado, a trajetória política de Chagas Freitas — as características de sua atuação antes de 1964 — e, por outro, a conjuntura política por que passava o país e o Estado da Guanabara, com o rompimento do pacto populista e a construção de uma outra forma de expressão do poder burguês sobre o Estado.

Sendo assim estaremos em condições de detectar os principais fatores que condicionaram a conquista da hegemonia política do MDB pelo "grupo chaguista" e a conseqüente eleição indireta de seu líder para o Governo do Estado.

TRAJETÓRIA DE CHAGAS FREITAS, ANTES DE 64

*"O PSP chegou na década de 50 com diretórios na quase totalidade do país. No Rio de Janeiro nós tínhamos um elemento de representação do partido e uma espécie de embaixador do Governo de São Paulo — o Sr. Chagas Freitas"*²

Grande parte do grupo chaguista é originário do Partido Social Progressista — Egdar de Carvalho, Mourão Filho, Ubaldo de Oliveira, Nelson Salim, Átila Nunes e Levi Neves, juntamente com Chagas Freitas são alguns dos nomes que compuseram o PSP na Guanabara.

O Partido Social Progressista sempre foi conhecido como o partido do Dr. Ademar de Barros, de caráter regional, muito restrito ao Estado de São Paulo³.

2. Entrevista de Mário Benni, ex-líder do PSP, dada ao autor, em São Paulo, 23.10.81.

3. Sobre o "ademarismo", consultamos: Carmo, J.A. Pinto. *Diretrizes Partidárias — Programa do PSP*; Debert, Guida Grin. 1979. *Ideologia e populismo*. São Paulo, T. A. Queiroz. Sampaio, Regina Maria Pereira. 1979. *O PSP em São Paulo*. Tese de mestrado em ciência política pela PUC de São Paulo, (xerox). Weffort, Francisco. 1965. *Raízes sociais do populismo em São Paulo: Revista da Civilização Brasileira*. Jaguaribe, Hélio: 1955. O que é o ademarismo. *Cadernos do Nosso Tempo*, RJ; Benni, Mario, 1978. Ademar. São Paulo, Craflkor.

Na Guanabara, o PSP também obteve razoável dimensão, devido principalmente aos esforços de Ademar no sentido de alcançar projeção nacional que lhe abrisse caminho para a presidência da República.

Sucessivamente nas eleições de 50/54/58 o PSP-GB cresce numa proporção muito maior que a dos outros partidos⁴, embora em termos absolutos se mantivesse em nível bem inferior.

Um primeiro elemento que contribui neste sentido é a característica da atuação política do deputado federal Chagas Freitas, na Legislatura 54/58, quando fora eleito pela primeira vez.

Nos anos 55 a 57, reivindicações de "urgência para votação do Plano de Classificação dos Funcionários Públicos Civis e outros relativos ao reajustamento de vencimentos militares" e o enquadramento desta ou daquela categoria profissional no Serviço Público Federal foram constantes⁵ na sua atuação parlamentar.

Problemas particulares como o do Sr. Henrique Cipriano Viegas, "que teve seu benefício suspenso pela IAPI", ou da "Sra. Maria Gurgei Braga Herbster, viúva do coletor federal aposentado, Raimundo Herbster, que necessitava de pensão especial" podem ser facilmente notados.

O aspecto que nos parece central é que em nenhum desses casos Chagas vincula as causas do problema desta ou daquela pessoa ou categoria profissional à política nacional, ao órgão competente que é mal administrado, ou à falta de atenção das autoridades federais àquele setor profissional. O problema é em si e para si. O seu projeto de 6.1.56, em que solicita "providências em benefício dos moradores dos conjuntos residenciais, dos institutos e das caixas de pensões e aposentadoria e da Fundação da Casa Popular", como escola pública, posto de saúde, policial, telefônico e parque infantil, é mais um exemplo entre tantos

4. Tabelas eleitorais — 45/50/54/58 (Vide Anexos I e II).

5. Esta pesquisa se baseou na leitura aleatória de alguns diários oficiais do Congresso Nacional, dos anos 55, 56, 57. Dentro destas limitações devem ser compreendidas as hipóteses aventadas.

outros. São "gêneros de primeira necessidade", argumenta. O projeto foi rejeitado pela Comissão de Legislação Social.

Muitas dessas reivindicações tornaram-se posteriormente lei, entre as razões que facilitaram a efetivação desses projetos podemos evidenciar a persistência com que os apresentava, aliada ao profundo conhecimento das normas e regulamentos do Congresso Nacional.

Sua meta era servir à sua clientela, composta basicamente por uma população de baixa renda, subempregada, com pouca estrutura política e organizativa, que começava a se formar na grande metrópole em que se transformara o Rio de Janeiro nos anos 50; esta mesma camada populacional que em 1955 cresceu ainda mais, em virtude do êxodo rural incentivada pela grande seca nordestina. Formavam-se as favelas, as moradias em áreas periféricas, onde o Estado não chegava, para prestar seus serviços básicos, e onde os "favores" prestados pelos intermediários dos líderes clientelistas eram de fundamental importância e em muitos casos — de grande eficácia.

O público atingido pelo PSP era também composto pelo funcionalismo. Capital do Reino, do Império e da República, a cidade do Rio de Janeiro sempre teve um grande contingente eleitoral formado por funcionários ligados às atividades administrativas do Estado. Sempre numa perspectiva totalmente desvinculada de qualquer caráter mais ideológico. Seria apenas o reescalonamento de certa categoria em outra faixa salarial.

A essa sua atuação acrescenta-se o fato de que em 1956, Chagas Freitas adquire o controle de um jornal de grande penetração popular — *A Notícia*.

Em 1955 Ademar havia perdido a eleição para o Governo do Estado de São Paulo para Jânio Quadros — que prometera moralizar administrativamente o Governo —; explorava ao máximo a imagem de favoritismo político vinculada a Ademar. Este é forçado a sair do país temporariamente, para não se ver preso por peculato. Para que seu jornal, *A Notícia*, não estivesse ameaçado de confisco sugere que seu amigo pessoal, Chagas Freitas, realizasse uma assembléia de acionistas e legalmente passasse a dirigir a empresa. Chagas além de seu advogado era dono do jornal *O Dia*, que era de pequena circulação. Quando voltou, Ademar procurou reaver as ações mas não conseguiu. Neste meio tempo Chagas utilizara toda a infra-estrutura de *A Notícia* em favor de *O Dia* — jornalistas, má-

quinas, distribuição. Com seu espírito empresarial, pouco a pouco, *O Dia* tornou-se um dos jornais de maior circulação do país e *A Notícia* apenas um título.

O controle e a expansão dos jornais *A Notícia* e *O Dia* possibilitaram que o PSP e seu líder principal penetrassem nas camadas populares do Distrito Federal. Não foram esses instrumentos de formação de opinião pública, em si, que deram ensejo a esta penetração, mas as suas características que se ajustavam às necessidades do público que procuravam atingir.

Esses jornais "todo o dia imprimem, fazem ler, vendem um texto que escamoteia as verdades essenciais e acidentais das pessoas que os compram. Ao mesmo tempo é dos únicos textos que se dirigem a elas, que falam de sua vida, que cortejam seus valores e atitudes"⁶.

Progressivamente, membros importantes de partidos clientelísticos — semelhantes ao PSP na GB — vêm a ele se incorporar. Seria o caso, por exemplo, de Mourão Filho e Edgar de Carvalho, eleitos em 50 — com expressiva votação — pelo PTB, e candidatos eleitos em 54 pelo PSP⁷.

Durante toda a segunda metade dos anos 50 e a primeira dos anos 60 o país passara por uma crise político-econômica sem precedentes⁸.

O débil e instável equilíbrio em que se apoiava o populismo no Brasil, ou seja, na formação do consenso dentro do processo de constituição da supremacia burguesa sobre o conjunto da sociedade, subsistiu até março de 1964, quando uma sucessão de eventos precipitou uma época histórica.

De qualquer forma esta crise trouxe para a cena política um debate ideológico bastante polarizado. O palco principal onde se travava tal debate era

6. Serra, Antonio A. 1980. *O desvio nosso de cada dia*. Rio de Janeiro, Achiamé.

7. Sobre a biografia de Mourão Filho, consultamos: Cruz, Miguel, 1972. *Imagens de um demócrata*, Rio de Janeiro (sem referência à editora).

8. Sobre o populismo, consultamos: Weffort, Francisco, 1980. *O populismo na política brasileira*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980; Andrade, Regis de Castro, 1979. *Perspectivas no estudo do populismo brasileiro. Encontros Com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, janeiro.

justamente o Estado da Guanabara. Seu principal protagonista — Carlos Lacerda⁹.

Esta polarização era representada, por um lado, pelo "Lacerdismo — contra a corrupção e a subversão" e, por outro, pelo PTB — o trabalhismo, com uma vinculação cada vez mais estreita com os movimentos sindicais.

A esta polarização o PSP-GB se manteve marginal. Este era o seu estilo de prática política. Não se posicionava nos grandes debates que travavam PTB X UDN.

Caberia ressaltar neste momento uma diferença entre a prática política ademarista e a prática clientelista chaguista¹⁰.

O ademarismo não é uma expressão típica da política de clientela, embora se utilize de métodos clientelísticos. No clientelismo típico, o êxito político está intimamente ligado à eficácia da "máquina política". No PSP paulista é Ademar quem dá substância política ao partido. É Ademar quem influencia o eleitorado rural de base, através da popularidade de sua pessoa e não da articulação dos chefes políticos estaduais e municipais. As "conversas ao pé do fogo" — programas de rádio com grande popularidade em São Paulo —, ou mesmo o seu posicionamento político e ideológico frente à crise dos anos 60, apesar de controvertido, era aberto, ideologicamente articulado, e poderíamos dizer mobilizador — várias são as concentrações populares que organiza, articula e protagoniza¹¹.

Sendo assim, a prática de Chagas e de seus mais íntimos aliados se aproximaria mais do clientelismo típico.

Prática clientelista, de pequena expressão mas algo eficiente, marginal ao grande debate político e ideológico, aliada a um meio de comunicação

9. Sobre o lacerdismo, consultamos: Soares, Cláudio Ary Dillon, 1973. *Bases ideológicas do lacerdismo. Sociedade e política no Brasil*, São Paulo, Difel. Picaluga, Isabel F. 1980. *Partidos políticos e classes sociais: A UDN na Guanabara*. Petrópolis, Vozes.

10. Sobre clientelismo, consultamos: Graziano, Luigi. *Patron — client relationships in Southern Italy in friends, followers and factions — a reader in political clientelism*. University California Press, EUA.

11. Posição semelhante tem Regina Sampaio e Hélio Jaguaribe, obra citada na nota 3.

de ampla penetração popular foram elementos que combinados fizeram de Chagas um dos mais importantes políticos da Guanabara no início dos anos 60.

CHAGAS E O MOVIMENTO DE 64

Em 1962, com a radicalização da polarização política e ideológica o PSP, em nosso Estado, parecia à primeira vista ter-se dividido. A nível federal podemos notar Benjamin Farah sendo eleito pelo PTB, a nível estadual José Salim e Ubaldo de Oliveira pelo PSD e Telemaco G. Maia pelo PR.

Chagas Freitas se incorporara à "Frente Popular" e é eleito juntamente com Marco Antonio Tavares Coelho — indicado por Luiz Carlos Prestes e Nelson Carneiro, de origem pessedista.

Sua votação foi a maior da "Frente" e a terceira entre os eleitos — abaixo apenas dos líderes dos principais partidos (UDN-PTB). No entanto, se compararmos o seu resultado de 58 ao agora obtido, notaremos que sua votação caiu substancialmente — de 94.500 votos em 58 para 52.000 votos em 62.

A própria legenda do PSP não existira a nível federal. A nível estadual apenas Levy Neves pode ser notado como um deputado tradicionalmente vinculado ao PSP.

Todos estes fenômenos ocorreriam, a nosso ver, devido à efervescência no debate político-ideológico que se desenvolvia na época, que de certa forma como que diminuía bastante a esfera de ação e penetração do voto clientelístico, pouco politizado, pouco comprometido com este debate.

Neste quadro a votação de Chagas foi substancial. A sua postura marginal ao debate político se evidenciou não só durante sua vida parlamentar, como nos momentos mais críticos da história brasileira.

No início do mês de março de 1964, no seu jornal *O Dia* são notadas várias matérias relatando a preparação do comício da Central, realizado a 13 de março¹².

O jornal indica, no dia 13, as maneiras de se chegar ao ato político, ao mesmo tempo que a coluna de Chagas Freitas é totalmente alheia ao comício (título: "O sapato do pobre").

12. Esta pesquisa foi realizada com a leitura dos jornais *O Dia* de março e abril de 64, na Biblioteca Nacional.

No dia do comício coloca em matéria interna a apreensão de setores militares com o ato político e a "esquerda radical".

No dia 14 a matéria relativa ao comício está localizada na página 7, enquanto na página 2 a manchete relaciona-se com a atividade política de Carlos Lacerda que, no mesmo dia, realizava um comício em Cascadura.

A partir daí, o posicionamento do jornal torna-se cada vez mais favorável à manutenção da "ordem e da disciplina", contra "a infiltração de agentes da subversão na estrutura das Forças Armadas".

Outras matérias têm destaque neste momento como: o aumento das passagens de trem e os empréstimos que receberiam os funcionários públicos.

No dia 1º de abril, enquanto as manchetes principais de página inteira enalteciam a "Vitória da Revolução", a coluna de Chagas Freitas relatava recente experiência vivida pelos moradores de Vila Kennedy.

Nos dias 2 e 3 de abril a cobertura jornalística e fotográfica do movimento militar realizada pelo jornal é bem grande.

Na segunda semana de abril passa a ressaltar a condição de eleito, pelo Congresso, do novo presidente, Gal. Castelo Branco.

Não são observadas matérias relativas às cassações de mandatos parlamentares e às prisões indiscriminadas — sem mandato jurídico — de inúmeras pessoas, nem as diversas formas de resistência e reação ao Estado autoritário que vinha se instalando no país.

Sendo assim, podemos notar que neste momento crítico, Chagas em si se mantém marginal, aparentemente alheio a tudo que ocorria em seu Estado e em seu país; porém o seu jornal evidencia outra face de sua postura política — a dubiedade. A posição do jornal só se define na medida em que os acontecimentos se desenvolvem, na medida em que a correlação de forças sociais, colocadas em jogo naquela oportunidade, começa a se definir.

Com a consolidação do Estado autoritário surgiram as primeiras cassações. O objetivo desta primeira lista de cassações fora o PTB e as forças de esquerda. A UDN se mantivera intacta neste momento.

As eleições para o Governo nos Estados, em 65, representaram um novo momento da luta política que travavam PTB e UDN. A vitória de Negrão de Lima, na Guanabara, e de Israel Pinheiro, em Minas, fora considerada como uma "ofensa à

Revolução de 64". A partir daí o Governo intensifica a sua política de restrição às liberdades públicas. Em outubro de 1965 é implantado o AI-2.

Com a implantação deste Ato foram extintos todos os partidos criados com a redemocratização de 1945. Estabeleceu-se uma legislação eleitoral que, na prática, só possibilitava que se constituíssem dois partidos: um apoiando o Governo e outro que passaria a representar a oposição.

Com o AI-2 os governadores eleitos são empossados, porém é criada a Inspeção Geral da Polícia Militar e nas secretarias de Segurança e da Fazenda são colocadas pessoas indicadas pelo governo federal. Com o AI-2 o presidente da República obtém mais poderes, as prerrogativas do Congresso caem; fortalece-se o poder autoritário da União sobre os Estados.

Após 1964, quando as classes subalternas e seus representantes se viram afastados de todo e qualquer processo decisório, também foram afastados Lacerda e Ademar — grandes articuladores deste movimento. À medida que ia se configurando o caráter mais radical do movimento militar, iam sendo excluídos do cenário político todos aqueles que em sua prática e em seu discurso traziam alguma forma de mobilização e/ou debate.

Nesta mesma oportunidade — fevereiro de 1966 — as manchetes de *O Dia* enaltecem as medidas econômicas ("Castelo veta aumento de leite") e administrativas ("objetivo do Governo é evitar a corrupção") exatamente dois dos principais paradigmas do novo regime implantado no Brasil¹³.

No dia 5 de janeiro a coluna de Chagas é dedicada à política nacional. Comenta o discurso do presidente da República sob dois aspectos: o que expressa o apoio que a seu ver estaria sendo dado pelo povo ao Governo; e o que propõe aos que produzem que "ganhem menos evitando assim a elevação dos preços". Ao final declara o colonista: "Não cremos que o Governo cruze os braços e se limite a apelar para os bons sentimentos e a consciência dos que até aqui têm demonstrado a mais completa insensibilidade para com as aflições dos pobres".

Neste sentido ele estaria não só enaltecendo o comportamento do Governo, mas também sugerin-

13. Esta pesquisa, relativa a esta parte, foi realizada com os jornais *O Dia* de janeiro e fevereiro de 1966.

do as suas próximas atitudes. Um compromisso maior pode ser visto do jornal e de seu diretor com o movimento militar de 64. Comportamento que foge um pouco do habitual, mas que também se enquadra dentro da linha por nós colocada já que Chagas só se definiu mais em termos políticos quando a própria situação já havia se definido.

O MDB EM 66 — A CONQUISTA DA HEGEMONIA

Com o AI-2 foi formado o MDB. Na Guanabara ele era composto por: ex-petebistas, pessedistas, udenistas e socialistas. Nas eleições de 1966, apesar de não contar com muitas de suas principais lideranças, que haviam sido cassadas, o MDB consegue no Estado da Guanabara uma grande vitória eleitoral sobre a Arena: 77% dos votos — 24 cadeiras — maioria absoluta. Chagas se destacava com a maior votação de todos os eleitos — 157 mil votos¹⁴.

Com essa eleição foi criado, no MDB da Guanabara, o "Grupo Renovador"¹⁵. Seu objetivo central era o de "revitalizar o legislativo" — apresentando projetos que defendessem a comunidade, denunciando as arbitrariedades cometidas pelo regime como também, já naquela oportunidade, levantando a necessidade de se decretar a anistia e de se defender a floresta amazônica. O "Grupo Renovador" tinha consigo 17 dos 55 parlamentares que compunham a Assembléia Legislativa — inclusive contava com o apoio, discreto, de alguns arenistas.

Mesmo com este reduzido número, conseguiram tomar uma série de iniciativas concretas: criaram a CODESCO, que era um órgão vinculado à Assembléia Legislativa e que regulava sobre a remoção de favelas. Enquanto existiu, nenhuma favela foi removida. Criou a Secretaria de Ciências e Tecnologia do Governo Estadual. Através deste órgão estabeleceu-se a Reserva Ecológica do Recreio dos Bandeirantes, o Instituto de Conservação da Natureza e o Planetário. Desenvolveu também uma

campanha contra o controle da natalidade, que a BENFAM já implementava nas favelas e áreas periféricas. Os primeiros momentos de luta pela anistia, a denúncia de espancamento de estudantes, o apoio e solidariedade às manifestações em torno da morte de Edson Luis também se fizeram notar.

No entanto, a grande maioria dos parlamentares se omitiram frente a problemas como estes, se preocupando apenas em como melhor servir à sua clientela¹⁶.

O Deputado Pedro Fernandes fora bem claro neste sentido, em 21.11.67, declarando que, "depois da Revolução, deputado não é mais do que despachante; enquadrei-me dentro desta mentalidade, dentro desta filosofia... represento o Irajá, Cordovil, Vila Kosmos, Vista Alegre etc... dentro desta filosofia tenho procurado defender os interesses desta população... muitas vezes com êxito".

A deputada Velinda Maurício da Fonseca também poderia ser enquadrada nesta "filosofia". Na única vez que se pronuncia, no mês de novembro de 1967, o sentido de tornar público a carta que recebera do presidente do Banco do Estado da GB, notificando-a da inauguração de mais uma agência daquele Banco em Inhaúma. Em seguida faz a seguinte colocação: "O povo de Inhaúma está de parabéns, porque para o ano terá a sua agência do Banco do Estado".

Podem ser assim definidos dois grupos no MDB, a partir de 1966: um, denominado "renovador", procurava revitalizar o Legislativo; e outro, sob influência direta do deputado Chagas Freitas, entendia que "o deputado não é mais do que despachante". Postavam-se alheios às iniciativas do "Grupo Renovador" e apenas prestavam contas à sua clientela.

Átila Nunes só se pronunciava sobre a sua religião. No dia 14.11.67 se congratula com Oziel Peçanha, que na sua coluna no *Correio da Manhã* criticava a ridicularização que vinha sendo feita à umbanda. Diz Átila Nunes: "É um achincalhe o que vem sendo dito sobre a religião que pratico e represento nesta casa,

14. Fonte: Tribunal Regional Eleitoral — *Dados estatísticos das eleições federais e estaduais — eleição de 1966*. Departamento de Imprensa Nacional, RJ.

15. Relato baseado em entrevista, dada ao autor, pelo ex-deputado Alberto Rajão, em novembro de 1981, no Rio de Janeiro.

16. Esta pesquisa foi realizada com os anais da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara de novembro de 1967. Escolhemos este mês como amostragem do comportamento de parlamentares, por ter sido um mês de intensas movimentações políticas.

religião que congrega cerca de 80.000 associações umbandistas em todo o país”.

Desta forma podemos notar que cada parlamentar tinha a sua clientela específica, para qual prestava seus serviços e “favores”.

Um outro lado que reforçaria esta hipótese está relacionado com o resultado da eleição de 1966, a medida que investigarmos as áreas onde se concentravam os votos destes parlamentares¹⁷.

Pedro Fernandes, por exemplo, teve sua votação concentrada na 12ª e 22ª zonas eleitorais, que corresponderiam aos bairros de Cascadura, Irajá, Penha Circular, Coelho Neto e Pavuna — todos na Zona Norte do Rio, áreas para as quais seu discurso se voltava.

Outro aspecto a ser ressaltado é que o domínio exercido por estes políticos clientelistas era passado quase que hereditariamente para seus filhos e familiares.

Átila Nunes, com sua morte, foi substituído por seu filho homônimo. Manteve as mesmas características do pai, “representando a umbanda”. A sua votação em 1970 se concentrou basicamente nas áreas que acompanham os trilhos da Central do Brasil.

Velinda M. Fonseca também falecera em 15.02.69, e fora substituída por sua irmã Hilsa Maurício da Fonseca. Esta, por sua vez, manteve o controle político da mesma área de sua irmã e conseqüentemente seus votos em 1970 se concentraram no Meier e áreas circunvizinhas.

Em 1966 bem mais da metade do MDB da Guanabara poderia ser enquadrado dentro da “filosofia” de atuação política mencionada pelo deputado Pedro Fernandes.

De uma forma ou de outra mantiveram as mesmas características que marcaram a atuação do deputado Chagas Freitas de 54 a 70: a prestação de serviços a uma clientela determinada e o descompromisso com uma postura ideológica mais definida.

No caso dos parlamentares que seguiam esta orientação podemos notar um maior aperfeiçoamento nesta prática. As áreas ou setores onde seriam prestados os “favores” estavam como que divididas entre eles. Seu comportamento político se mantinha alheio às iniciativas revitalizantes do

“Grupo Renovador”. Por outro lado, seus pronunciamentos, transmitidos na época pela Rádio Roquete Pinto, eram quase uma prestação de contas às suas clientelas específicas. Conseqüentemente as suas votações se concentravam nestas áreas determinadas. O poder de prestar serviços e favores para determinada clientela era passado quase que hereditariamente. Mantinha-se a característica básica de seu antecessor e expandia-se sua penetração na área.

Pela falta de quem rivalizasse com ele a disputa eleitoral e política dentro e fora do MDB, Chagas Freitas despontara nas eleições de 1966 como o parlamentar mais votado — o único político presente na crise dos anos 60 que sobrevivera às iniciativas autoritárias do regime militar.

No final de 68 foi decretado o Ato Institucional nº 5 — mais uma iniciativa autoritária do regime militar que consolidava assim sua implantação.

Com ele, muitos parlamentares do MDB e da ARENA tiveram seus direitos políticos cassados. Basicamente, todos os cassados a nível estadual pertenceram ao “Grupo Renovador”. Todas as forças políticas vinculadas, de uma forma ou de outra, com o projeto populista de poder foram excluídas do cenário político.

O “chaguismo” não foi atingido porque sua prática clientelista não trazia em si o debate e a mobilização política, alvos importantes no processo de consolidação do regime instaurado em 1964.

Sem nenhuma personalidade política significativa que pudesse lhe trazer qualquer dificuldade, o deputado Chagas Freitas, líder dos parlamentares remanescentes, passa a dominar o MDB da Guanabara.

Nas eleições de 1970 seu domínio passa a ser praticamente absoluto. O MDB havia tido o dobro dos votos, com relação aos da ARENA — 790 mil contra 390 mil. Com isso a Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara passou a ser dominada por parlamentares que viam na prestação de serviços e na formação de sua clientela o método de fazer política.

A votação nas áreas respectivas destes parlamentares aumentou. Seu prestígio e penetração consolidou-se, devido principalmente ao próprio autoritarismo que cerceava qualquer forma de reivindicação da população ao Estado. A única via de resolução de suas reivindicações básicas era através do líder clientelista que individualmente, atomizada-mente, prestava este “favor”.

Evidentemente a eficácia nesta prestação de “favores” também foi de fundamental importância. Esta eficácia foi tanto maior à medida que se fez, primeiro, do MDB uma “máquina política” para prestação de serviços e, a partir de 3.10.70,

do próprio Estado um instrumento neste sentido. Nesta data Chagas Freitas eligeu-se indiretamente pela Assembléia Legislativa, Governador do Estado da Guanabara.

ANEXO I

Câmara Federal — Legendas obtidas pelos partidos de 1945 a 1958.

Partidos	1945	1950	1954	1958
PSP	80.696	78.819	67.986	(4)
UDN	112.156	99.790	(2)	279.336
PTB	130.467	221.430	195.679	252.568
PCB	97.565	(1)	—	—
P.R. Pop.	7.712	—	—	—
PPS	4.719	—	—	—
PDC	9.526	20.641	16.313	6.472
PR	22.628	12.547	(2)	(4)
PL	—	1.143	(2)	(4)
P.R.Prog.	3.360	—	—	—
PRD	11.179	—	—	—
PAN	2.148	—	—	—
PSP	—	40.199	74.215	183.292
PTN	—	6.754	(3)	(4)
PSB	—	11.428	21.827	(4)
POT	—	18.609	—	—
PRT	—	36.814	55.751	(4)
PRB	—	970	—	—
PST	—	8.219	(3)	10.059
AL Pop.	—	—	218.503	—
Fr. Trab.	—	—	13.518	—
AL D. Nac.	—	—	—	131.324

(1) Cancelamento do Registro do PCB.

(2) Aliança Popular — UDN + PR + PL = 218.503 votos.

(3) Frente Trabalhista Nacional — PST + PTN = 13.518 votos.

(4) Aliança Dem. Nac. = PSD + PSB + PRT + PR + PTN + PL = 131.214 votos.

Fonte: TRE

ANEXO II

Câmara Federal — representação partidária.

Partidos	1945	1950	1954	1958
PSD	2	3	2	1
UDN	3	4	5	6
PTB	9	8	6	5
PCB	3	(+)	—	—
P.R. Pop.	—	—	—	—
PPS	—	—	(+)	—
PDC	—	—	—	—
PR	—	—	1	—
PL	—	—	—	—
P.R.Prog.	—	—	(+)	—
PRD	—	—	(+)	—
PAN	—	—	(+)	—
PSP	—	1	2	4
PTN	—	—	—	—
PSB	—	—	—	1
POT	—	—	(+)	—
PRT	—	1	1	—
PRB	—	—	(+)	—
PST	—	—	—	—
Represent.	17	17	17	17

(+) — Extintos.

ANEXO III

VOTAÇÃO POR ZONA ELEITORAL DOS DEPUTADOS ESTADUAIS DC MDB/66.

Zonas eleitorais	Votos p/ Pedro Fernandes		Votos p/ Átila Nunes	Votos p/ Hilma M. Fonseca
	Ano 66	Ano 70	Ano/70	Ano/70
1a.	183	385	1048	208
2a.	125	237	859	176
3a.	68	133	565	126
4a.	79	158	601	144
5a.	92	189	552	167
6a.	101	189	978	229
7a.	51	156	682	240
8a.	142	273	1135	1558
9a.	172	292	822	234
10a.	138	292	1388	918
11a.	442	1187	1989	371
12a.	1012	2318	2299	737
13a.	141	263	1546	454
14a.	134	255	1529	2319
15a.	79	161	978	354
16a.	82	108	480	107
17a.	45	87	453	105
18a.	48	117	409	118
19a.	147	209	1083	433
20a.	166	306	1278	2702
21a.	310	878	1942	592
22a.	3794	9029	1443	278
23a.	141	697	937	235
24a.	114	131	936	342
25a.	55	109	502	787

Com uma simples palavra pode um monarca fazer um palácio surgir da reiva;
mas a sociedade de homens cultos não é o mesmo que uma turma de operários braçais.

Diderot